

# **A RELAÇÃO ENTRE HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS E DESENVOLVIMENTO COGNITIVO: UMA REVISÃO NEUROPSICOLÓGICA**

*Erica Letícia da Rosa*

## **REVISÃO**

### **RESUMO**

Este estudo investiga a relação entre habilidades socioemocionais e desenvolvimento cognitivo, com base em evidências neuropsicológicas. O objetivo é analisar como competências socioemocionais, como regulação emocional, empatia e autocontrole, influenciam funções cognitivas essenciais, incluindo memória, atenção e funções executivas. Para isso, utilizou-se uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e exploratório, baseada na análise de artigos científicos publicados nos últimos dez anos, selecionados em bases como *Scielo*, *PubMed* e *Google Acadêmico*. Foram incluídos estudos que discutem a relação entre neuropsicologia, cognição e desenvolvimento emocional. Os achados indicam que o desenvolvimento de habilidades socioemocionais impacta significativamente o desempenho acadêmico e a aprendizagem, favorecendo processos cognitivos essenciais para a adaptação e o sucesso pessoal. Além disso, estudos apontam que a autorregulação emocional e a empatia exercem um papel crucial na tomada de decisões e no controle de impulsos. A pesquisa evidencia a necessidade de aprofundamento em intervenções neuropsicológicas que promovam tais habilidades, destacando sua relevância para a educação e a saúde mental. Dessa forma, este estudo contribui para a compreensão da interconexão entre cognição e emoção, oferecendo subsídios para práticas pedagógicas e terapêuticas.

**Palavras-chave:** Aprendizagem; Cognição; Inteligência emocional; Neuropsicologia.

# THE RELATIONSHIP BETWEEN SOCIO-EMOTIONAL SKILLS AND COGNITIVE DEVELOPMENT: A NEUROPSYCHOLOGICAL REVIEW

## ABSTRACT

This study investigates the relationship between social-emotional skills and cognitive development based on neuropsychological evidence. The objective is to analyze how social-emotional competencies—such as emotional regulation, empathy, and self-control—influence essential cognitive functions, including memory, attention, and executive functions. To this end, a qualitative and exploratory literature review was conducted, based on the analysis of scientific articles published in the last ten years, selected from databases such as Scielo, PubMed, and Google Scholar. Studies discussing the relationship between neuropsychology, cognition, and emotional development were included. The findings indicate that the development of social-emotional skills significantly impacts academic performance and learning, supporting cognitive processes essential for adaptation and personal success. Furthermore, studies suggest that emotional self-regulation and empathy play a crucial role in decision-making and impulse control. The research highlights the need for further neuropsychological interventions that promote such skills, underscoring their relevance to education and mental health. Thus, this study contributes to the understanding of the interconnection between cognition and emotion, offering support for pedagogical and therapeutic practices.

**Keywords:** Learning; Cognition; Emotional intelligence; Neuropsychology.

*Instituição afiliada – Unisul - Universidade do Sul de Santa Catarina*

**Dados da publicação:** Artigo publicado em Julho de 2025

**DOI:** <https://doi.org/10.36557/pbpc.v4i2.357>

**Autorcorrespondente:** Erica Letícia da Rosa

This work is licensed under

a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



## **1 INTRODUÇÃO**

A inteligência emocional tem sido cada vez mais estudada no contexto do desenvolvimento cognitivo, dada sua influência na regulação emocional, na resolução de problemas e na aprendizagem. Desde as contribuições iniciais de Daniel Goleman (1995) sobre inteligência emocional, pesquisadores vêm explorando como as habilidades socioemocionais impactam diferentes aspectos da cognição, incluindo memória, atenção e funções executivas. Para Diamond (2013) o campo da neuropsicologia, investiga-se de que forma os circuitos neurais envolvidos na regulação emocional interagem com processos cognitivos essenciais para o desenvolvimento humano.

As habilidades socioemocionais referem-se à capacidade de reconhecer, compreender e regular emoções, bem como estabelecer relações interpessoais saudáveis (CASEL, 2023). Essas habilidades desempenham um papel crucial no desenvolvimento infantil e na aprendizagem ao longo da vida, uma vez que influenciam a forma como indivíduos lidam com desafios acadêmicos e sociais. Estudos demonstram que crianças com boas competências socioemocionais apresentam maior desempenho acadêmico e melhor adaptação ao ambiente escolar (Durlak et al., 2011).

O desenvolvimento cognitivo, por sua vez, envolve habilidades como percepção, atenção, memória, linguagem e raciocínio. De acordo com Piaget (1976), esse desenvolvimento ocorre por meio da interação ativa com o ambiente, sendo influenciado por fatores biológicos e contextuais. Já Vygotsky (1978), por outro lado, enfatiza a importância das interações sociais e da mediação no processo cognitivo, destacando a relevância das habilidades socioemocionais para a aprendizagem.

O avanço das neurociências tem permitido uma compreensão mais aprofundada sobre a interação entre emoção e cognição. Pesquisas indicam que

estruturas como o córtex pré-frontal e a amígdala desempenham papéis fundamentais na regulação emocional e na tomada de decisões. (Ledoux, 2000) Ademais, funções executivas, como controle inibitório e flexibilidade cognitiva, são diretamente impactadas pelas experiências emocionais e pelo desenvolvimento de competências socioemocionais (Zelazo & Lyons, 2012).

As habilidades socioemocionais referem-se à capacidade do indivíduo de reconhecer, compreender e gerenciar suas emoções, bem como estabelecer relações positivas e tomar decisões responsáveis. Essas competências são fundamentais para o desenvolvimento humano integral, afetando desde o desempenho acadêmico até as relações interpessoais e o bem-estar psicológico (WHO, 2021). A Organização Mundial da Saúde reconhece essas habilidades como centrais para a promoção da saúde mental e prevenção de comportamentos de risco ao longo da vida. Elas são desenvolvidas desde a infância e continuam a ser moldadas pelas experiências sociais, familiares e culturais do sujeito.

A importância das habilidades socioemocionais tem sido amplamente reconhecida por órgãos internacionais, como a UNESCO (2022), que as considera componentes essenciais da educação para o século XXI. Elas não apenas influenciam o sucesso escolar, mas também estão associadas a melhores resultados profissionais, maior estabilidade emocional e menor incidência de transtornos mentais. A abordagem educacional contemporânea defende que o desenvolvimento socioemocional deve caminhar junto ao cognitivo, formando indivíduos mais resilientes, éticos e cooperativos.

Do ponto de vista teórico, um dos principais modelos sobre inteligência emocional foi proposto por Peter Salovey e John Mayer (1990), que definem o conceito como a habilidade de perceber, compreender, usar e regular as emoções para promover o crescimento emocional e intelectual. Esse modelo enfatiza a inteligência emocional como um subconjunto da inteligência social e sustenta que o manejo eficaz das emoções é essencial para o raciocínio e a resolução de problemas. A teoria destaca ainda a importância da integração entre emoção e cognição no comportamento humano.

Daniel Goleman (1995), por sua vez, popularizou o conceito de inteligência emocional, ampliando-o para além dos aspectos intrapessoais e incluindo elementos motivacionais e interpessoais. Goleman propôs cinco domínios principais: autoconsciência, autorregulação, motivação, empatia e habilidades sociais. Segundo o autor, essas competências são mais determinantes para o sucesso pessoal e profissional do que o quociente de inteligência (QI). A abordagem de Goleman influenciou significativamente o campo educacional e organizacional, sendo amplamente adotada em programas de desenvolvimento socioemocional.

A autoconsciência, primeiro componente das habilidades socioemocionais, refere-se à capacidade de reconhecer as próprias emoções, pensamentos e valores, bem como compreender como eles influenciam o comportamento. Indivíduos com alta autoconsciência tendem a demonstrar maior autoestima, autoconfiança e clareza de objetivos (Casel, 2023). Essa competência é essencial para o desenvolvimento da identidade e para a tomada de decisões conscientes e alinhadas com os próprios valores.

A autorregulação ou autogestão envolve o controle das emoções, pensamentos e comportamentos em diferentes situações, possibilitando a adaptação a contextos desafiadores. Trata-se da capacidade de lidar com o estresse, controlar impulsos e persistir diante de obstáculos, habilidades essas que impactam diretamente o desempenho acadêmico e a saúde mental (OECD, 2021). A ausência de autorregulação está associada a dificuldades de aprendizagem, comportamentos de risco e problemas emocionais.

A motivação, enquanto habilidade socioemocional, está relacionada ao direcionamento interno para alcançar objetivos pessoais e coletivos. Envolve a iniciativa, o comprometimento com metas e a resiliência frente às frustrações. A motivação intrínseca, em especial, é um fator-chave para o engajamento escolar e a aprendizagem significativa (UNESCO, 2022). O desenvolvimento dessa competência está fortemente ligado à capacidade de estabelecer objetivos realistas e sentir-se competente para alcançá-los.

Por fim, a empatia e as habilidades sociais compõem o aspecto interpessoal das competências socioemocionais. A empatia é a capacidade de compreender e compartilhar os sentimentos dos outros, promovendo relações respeitadas e solidárias. Já as habilidades sociais englobam a comunicação eficaz, o trabalho em equipe e a resolução de conflitos de forma construtiva (WHO, 2021). Esses componentes são essenciais para a convivência democrática e o fortalecimento de vínculos afetivos e sociais em todos os contextos da vida.

O desenvolvimento cognitivo diz respeito às mudanças progressivas nas capacidades mentais, como percepção, memória, linguagem, raciocínio e solução de problemas, ao longo do ciclo vital. Esse processo inicia na infância e se estende até a vida adulta, sendo influenciado por fatores biológicos, sociais e culturais (WHO, 2021). A cognição se manifesta de maneira dinâmica, adaptando-se às exigências do ambiente e ao estágio de desenvolvimento do indivíduo. Compreender esse percurso é essencial para intervenções educacionais e neuropsicológicas adequadas às diferentes fases da vida.

Jean Piaget é um dos principais nomes na compreensão do desenvolvimento cognitivo. Para o autor, o desenvolvimento ocorre em estágios sequenciais: sensório-motor, pré-operacional, operatório concreto e operatório formal (Piaget, 1971). Em cada estágio, a criança constrói ativamente seu conhecimento por meio da interação com o ambiente. Piaget destaca a importância de processos como assimilação e acomodação, que permitem a reorganização dos esquemas mentais, promovendo a adaptação cognitiva ao meio.

Lev Vygotsky, por outro lado, propôs uma abordagem sociocultural do desenvolvimento cognitivo. Para ele, o aprendizado antecede o desenvolvimento e ocorre por meio das interações sociais e da linguagem (Vygotsky, 2007). O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) ilustra como o potencial cognitivo da criança pode ser ampliado com o apoio de um adulto ou par mais experiente. A teoria de Vygotsky destaca o papel central da mediação cultural na formação das funções psicológicas superiores.

As teorias contemporâneas também enfatizam o papel das **funções executivas**, conjunto de habilidades cognitivas superiores como controle inibitório, memória de trabalho e flexibilidade cognitiva. Essas funções são fundamentais para o planejamento, tomada de decisões e autorregulação do comportamento (Diamond, 2013). Estudos indicam que as funções executivas têm um papel central na aprendizagem escolar, no desempenho acadêmico e no comportamento social, sendo particularmente sensíveis a intervenções precoces e ambientes enriquecidos.

A neurociência moderna contribui significativamente para o entendimento do desenvolvimento cognitivo ao destacar a plasticidade cerebral como um dos seus fundamentos. A neuroplasticidade é a capacidade do cérebro de modificar suas conexões sinápticas em resposta a estímulos internos e externos (UNESCO, 2022). Durante a infância e adolescência, essa plasticidade é especialmente acentuada, permitindo a aprendizagem de novas habilidades e a recuperação de funções após lesões. Essa característica mostra a importância de contextos educativos estimulantes.

Pesquisas indicam que experiências cognitivas e emocionais positivas favorecem a formação de novas redes neurais, enquanto ambientes adversos ou negligentes podem comprometer o desenvolvimento cerebral (WHO, 2021). A estimulação precoce, por meio de brincadeiras, interações sociais e desafios intelectuais, fortalece as conexões neuronais e favorece o desenvolvimento das funções cognitivas superiores. Por isso, políticas públicas voltadas à primeira infância são consideradas estratégias de promoção de saúde cognitiva.

A educação, especialmente nos primeiros anos escolares, desempenha papel central no fortalecimento das funções cognitivas e executivas. Métodos pedagógicos baseados na resolução de problemas, trabalho em equipe e autorregulação favorecem o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia (OECD, 2021). Estratégias interativas e mediadas, como as propostas por Vygotsky, ganham destaque nesse contexto, uma vez que respeitam o ritmo de aprendizagem e promovem a construção coletiva do conhecimento.

A integração entre cognição e emoção também se mostra essencial no desenvolvimento cognitivo. O córtex pré-frontal, responsável pelas funções executivas, está diretamente conectado ao sistema límbico, responsável pelas emoções (Immordino-Yang, 2016). Assim, ambientes emocionalmente seguros e que valorizam a expressão afetiva favorecem o aprendizado. Essa visão integrada sustenta intervenções neuropsicológicas e educacionais que consideram o ser humano em sua totalidade biopsicossocial.

As emoções exercem um papel fundamental nos processos cognitivos, influenciando diretamente a forma como o indivíduo percebe, retém e utiliza informações. A memória, por exemplo, é profundamente afetada pelo estado emocional, uma vez que experiências marcadas por forte carga afetiva tendem a ser mais facilmente lembradas (WHO, 2021). A atenção também é modulada pelas emoções, pois estados emocionais negativos podem gerar distrações, enquanto emoções positivas ampliam o foco e o engajamento. A tomada de decisões, por sua vez, requer um equilíbrio entre razão e emoção, uma vez que decisões racionais dependem da interpretação emocional adequada dos contextos (Immordino-Yang, 2016).

A regulação emocional é uma habilidade essencial para o desenvolvimento das funções executivas, como o controle inibitório, a flexibilidade cognitiva e a memória de trabalho. Crianças e adolescentes que conseguem gerenciar suas emoções de forma eficaz apresentam maior capacidade de concentração, planejamento e resolução de problemas (OECD, 2021). Essa regulação emocional é aprendida por meio da interação social e de contextos educativos favoráveis, o que mostra a importância de abordagens que promovam o equilíbrio emocional nas escolas. A autorregulação emocional permite que o sujeito responda adequadamente a desafios, ao invés de reagir impulsivamente.

As conexões neurais entre cognição e emoção são amplamente documentadas pelas neurociências. O córtex pré-frontal, responsável por funções cognitivas superiores, está fortemente conectado ao sistema límbico, especialmente à amígdala, que processa emoções como medo e raiva (Davidson &

McEwen, 2012). Essa interação permite que as emoções influenciem o julgamento, a memória e a atenção, tornando a cognição um processo integrado e não puramente racional. Quando essas conexões estão em desequilíbrio, como em casos de estresse crônico, o funcionamento cognitivo pode ser comprometido, evidenciando a importância do cuidado emocional para a saúde mental.

O desenvolvimento das habilidades socioemocionais está intimamente relacionado ao amadurecimento de estruturas cerebrais envolvidas tanto na cognição quanto na emoção. Estudos mostram que o fortalecimento de redes neurais entre o córtex pré-frontal e o sistema límbico favorece o controle emocional e o raciocínio lógico (UNESCO, 2022). Essa integração é especialmente sensível durante a infância e adolescência, quando o cérebro apresenta maior plasticidade e receptividade a intervenções educacionais e terapêuticas. Assim, programas de aprendizagem socioemocional que estimulam a empatia, a resiliência e a autorregulação têm efeitos positivos também no desenvolvimento cognitivo.

Experiências emocionais adversas, como negligência, violência ou estresse crônico, afetam diretamente o desenvolvimento cognitivo. Essas situações disparam respostas fisiológicas que ativam o eixo hipotálamo-hipófise-adrenal, comprometendo o funcionamento do hipocampo, região associada à memória e aprendizagem (Shonkoff et al., 2012). Dessa forma, o desenvolvimento cognitivo não pode ser analisado de forma isolada, pois depende das condições emocionais e sociais nas quais o sujeito está inserido. Investimentos em ambientes seguros e afetivos são fundamentais para o pleno florescimento das capacidades intelectuais.

As funções executivas, como o autocontrole e o planejamento, dependem da integração harmoniosa entre emoção e cognição. A dificuldade em regular emoções pode comprometer a tomada de decisões, a resolução de problemas e a persistência em tarefas desafiadoras (Diamond, 2013). Por outro lado, o desenvolvimento dessas habilidades favorece o pensamento crítico e a autonomia. Isso reforça a necessidade de programas que promovam simultaneamente competências cognitivas e socioemocionais, especialmente em contextos

educacionais. Crianças emocionalmente equilibradas tendem a apresentar melhor desempenho escolar e maior engajamento com a aprendizagem.

As emoções também modulam a motivação intrínseca, essencial para o aprendizado autodirigido. Alunos motivados emocionalmente demonstram maior perseverança e curiosidade intelectual, elementos que favorecem a aprendizagem contínua ao longo da vida (OECD, 2021). O reconhecimento das emoções, aliado à autorregulação e empatia, permite que o estudante lide melhor com frustrações e desafios acadêmicos. Essa interação positiva entre emoção e cognição mostra que o sucesso escolar e pessoal não depende apenas de habilidades técnicas, mas também da inteligência emocional.

A integração entre desenvolvimento emocional e cognitivo vem sendo cada vez mais reconhecida em políticas públicas e diretrizes educacionais globais. A Organização Mundial da Saúde e a UNESCO recomendam abordagens educativas que promovam simultaneamente competências socioemocionais e cognitivas, de forma interdisciplinar (WHO, 2021; UNESCO, 2022). Essa perspectiva integrativa contribui para a formação de sujeitos mais resilientes, críticos e empáticos, capazes de atuar com responsabilidade e equilíbrio em diferentes contextos da vida.

As habilidades socioemocionais possuem uma base neurobiológica complexa, envolvendo diversas estruturas cerebrais. O córtex pré-frontal dorsolateral está relacionado ao controle inibitório e à tomada de decisões, enquanto a amígdala e o hipocampo, localizados no sistema límbico, processam emoções e memórias emocionais (Davidson & McEwen, 2012). A interação entre essas regiões é essencial para que o indivíduo possa interpretar emoções, regular comportamentos e agir de forma empática. A maturação dessas áreas ocorre gradualmente, tornando a infância e a adolescência períodos sensíveis para intervenções educativas e terapêuticas voltadas ao desenvolvimento socioemocional.

Estudos de neuroimagem demonstram que experiências afetivas moldam a organização cerebral. Crianças expostas a ambientes seguros e estimulantes

apresentam maior conectividade funcional entre o córtex pré-frontal e o sistema límbico, favorecendo o equilíbrio entre emoção e razão (UNESCO, 2022). Já em contextos adversos, há uma hiperativação da amígdala e redução do volume do córtex pré-frontal, o que compromete o controle emocional e o desempenho cognitivo (Shonkoff et al., 2012). Tais evidências reforçam a importância de ambientes emocionalmente saudáveis para o pleno desenvolvimento neuropsicológico.

As emoções influenciam diretamente os processos cognitivos, como atenção, memória e resolução de problemas. A neurociência mostra que estados emocionais positivos facilitam a aprendizagem, enquanto o estresse crônico prejudica o funcionamento executivo (Diamond, 2013). Isso ocorre porque o estresse libera cortisol, que em níveis elevados afeta negativamente o hipocampo, área crucial para a memória. A compreensão dessas interações é fundamental para profissionais da psicologia, educação e saúde que atuam no desenvolvimento infantil e juvenil.

Déficits nas habilidades socioemocionais estão associados a alterações funcionais e estruturais no cérebro. No Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), por exemplo, há prejuízos no córtex pré-frontal, afetando tanto o controle inibitório quanto a regulação emocional (APA, 2022). Já em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), observam-se dificuldades na empatia e na leitura de emoções, relacionadas a alterações na amígdala e no giro fusiforme. Compreender esses déficits a partir de uma perspectiva neuropsicológica permite intervenções mais eficazes e individualizadas.

A depressão infantil e adolescente também pode comprometer significativamente as funções cognitivas e socioemocionais. Estudos apontam para uma redução da atividade do córtex pré-frontal e hiperatividade da amígdala, dificultando o controle emocional e a motivação (WHO, 2021). Esses efeitos impactam a atenção, a memória e a capacidade de estabelecer relações sociais. A identificação precoce e a intervenção psicossocial, aliadas ao suporte familiar e escolar, são estratégias fundamentais para minimizar os impactos no

desenvolvimento global desses indivíduos.

A avaliação neuropsicológica permite identificar padrões cognitivos e emocionais que orientam intervenções específicas. Ferramentas como testes de funções executivas, escalas de comportamento adaptativo e inventários socioemocionais são amplamente utilizados na prática clínica e educacional (APA, 2022). Esses instrumentos possibilitam a criação de planos individualizados que favoreçam o desenvolvimento das competências socioemocionais, promovendo o bem-estar e o sucesso acadêmico. A integração entre dados neuropsicológicos e contextuais é essencial para uma abordagem abrangente.

A neuropsicologia aplicada à educação também enfatiza a importância de desenvolver o cérebro social. Habilidades como empatia, cooperação e comunicação são mediadas por circuitos neurais que podem ser fortalecidos com práticas educativas adequadas (OECD, 2021). Ambientes escolares que incentivam a expressão emocional e o trabalho colaborativo estimulam essas conexões, contribuindo para um desenvolvimento mais equilibrado. Assim, a escola assume um papel fundamental na promoção da saúde mental e do desenvolvimento integral dos estudantes.

Conclui-se que as habilidades socioemocionais possuem fundamentos neuropsicológicos sólidos, e seu desenvolvimento está intimamente ligado à maturação de regiões cerebrais específicas. Alterações emocionais ou neurológicas podem afetar diretamente o funcionamento cognitivo e o comportamento social. A neuropsicologia, nesse sentido, oferece ferramentas teóricas e práticas para entender essas relações e propor intervenções baseadas em evidências. A atuação interdisciplinar entre saúde, educação e família é essencial para promover o desenvolvimento saudável e prevenir dificuldades futuras.

As competências socioemocionais são consideradas fundamentais para o sucesso escolar, pois influenciam diretamente a motivação, o engajamento e o comportamento em sala de aula. Alunos que desenvolvem habilidades como autocontrole, empatia e perseverança tendem a apresentar melhor desempenho

acadêmico (OECD, 2021). A capacidade de lidar com frustrações, colaborar com colegas e manter o foco em objetivos contribui para um ambiente de aprendizagem mais produtivo e positivo. Assim, o desenvolvimento socioemocional deve ser parte integrante dos currículos escolares.

Pesquisas internacionais demonstram que programas de aprendizagem socioemocional (SEL) promovem benefícios acadêmicos e pessoais. Estudos da *Collaborative for Academic, Social and Emotional Learning* (CASEL) mostram que alunos que participam desses programas têm melhorias em notas, atitudes e comportamentos (CASEL, 2023). Esses programas ensinam habilidades como resolução de conflitos, regulação emocional e empatia por meio de atividades lúdicas e reflexivas. A inclusão dessas práticas no cotidiano escolar contribui para o desenvolvimento integral dos estudantes.

Estratégias educacionais para promover as habilidades socioemocionais incluem o uso de metodologias ativas, como projetos interdisciplinares, rodas de conversa e mediação de conflitos. Essas práticas favorecem o autoconhecimento, a autonomia e o pensamento crítico (UNESCO, 2022). A formação de professores também é essencial para que consigam atuar como mediadores das emoções dos alunos e modelos de comportamento socioemocional. A escola, nesse contexto, torna-se um espaço de convivência ética e afetiva, além de um local de aprendizagem intelectual.

A empatia, uma das habilidades socioemocionais centrais, tem papel significativo na construção de vínculos positivos e no clima escolar. Ambientes educacionais empáticos reduzem os níveis de bullying, aumentam o senso de pertencimento e promovem relações mais colaborativas entre alunos e professores (WHO, 2021). O desenvolvimento da empatia requer práticas pedagógicas que valorizem a escuta ativa, o respeito às diferenças e a valorização das emoções. Assim, a escola contribui não apenas para a formação cognitiva, mas também para a formação ética e cidadã.

Programas como o "Promovendo Competências Socioemocionais na

Escola", adotado em diversos países, mostram resultados promissores na redução de comportamentos agressivos e no aumento do desempenho acadêmico (OECD, 2021). A implementação eficaz desses programas requer o envolvimento de toda a comunidade escolar, incluindo famílias. A participação ativa dos pais favorece a continuidade das práticas socioemocionais no ambiente familiar, fortalecendo os aprendizados escolares. A parceria escola-família é, portanto, um fator-chave para o sucesso dessas iniciativas.

As habilidades socioemocionais também influenciam a persistência escolar e a redução da evasão. Estudantes que desenvolvem resiliência, autoestima e controle emocional tendem a enfrentar melhor os desafios e a manter-se motivados frente às dificuldades (UNESCO, 2022). Isso é especialmente relevante em contextos de vulnerabilidade social, onde fatores externos podem afetar negativamente a trajetória escolar. Promover o desenvolvimento socioemocional, nesses casos, é uma forma de inclusão e justiça educacional.

A aprendizagem significativa ocorre quando há conexão entre emoção e cognição. Alunos que se sentem acolhidos e emocionalmente seguros apresentam maior disposição para aprender, experimentar e criar (Immordino-Yang, 2016). A construção de vínculos afetivos com professores e colegas favorece o engajamento e o interesse pelas atividades escolares. Dessa forma, o investimento em práticas socioemocionais representa uma estratégia eficaz de promoção da aprendizagem e prevenção de dificuldades escolares.

O reconhecimento da importância das competências socioemocionais tem impulsionado políticas públicas educacionais em diversos países. Organizações como a UNESCO e a OECD recomendam sua inclusão nos currículos escolares como parte da educação para o século XXI (UNESCO, 2022; OECD, 2021). A formação integral do estudante requer uma abordagem holística que considere não apenas o desempenho acadêmico, mas também o bem-estar emocional, a convivência e a responsabilidade social. Desenvolver essas habilidades é preparar os alunos para uma vida plena e cidadã.

As intervenções neuropsicológicas que integram cognição e emoção têm se mostrado altamente eficazes em contextos clínicos e educacionais. Tais intervenções utilizam estratégias que fortalecem tanto as funções executivas quanto a regulação emocional, contribuindo para o desenvolvimento integral do sujeito (Diamond, 2013). Técnicas como o treinamento cognitivo, atividades de mindfulness e programas de aprendizagem socioemocional são frequentemente utilizadas para promover o autoconhecimento, a empatia e o controle comportamental. Ao trabalhar esses dois eixos em conjunto, é possível obter melhorias no desempenho acadêmico e no bem-estar emocional.

No campo da psicopedagogia, a compreensão da relação entre emoção e cognição é essencial para a elaboração de estratégias de ensino que atendam às necessidades individuais dos alunos. Estudantes com dificuldades de aprendizagem muitas vezes apresentam também déficits em habilidades socioemocionais, como baixa autoestima, ansiedade e impulsividade (APA, 2022). A intervenção psicopedagógica, portanto, deve considerar esses fatores emocionais e comportamentais, promovendo um ambiente acolhedor que favoreça o desenvolvimento da autonomia e da motivação para aprender.

A psicologia educacional também se beneficia desse entendimento integrado. Ao reconhecer que fatores emocionais influenciam a atenção, a memória e a resolução de problemas, os profissionais podem atuar na prevenção de transtornos de aprendizagem e no fortalecimento das competências escolares (UNESCO, 2022). Além disso, o suporte psicossocial nas escolas ajuda a criar um ambiente mais saudável, onde os alunos possam expressar suas emoções e construir relações positivas com colegas e professores. Essa abordagem holística contribui para a promoção da saúde mental e do sucesso escolar.

Na neurociência aplicada, pesquisas sobre a plasticidade cerebral evidenciam que o cérebro se reorganiza continuamente em resposta às experiências emocionais e cognitivas. Intervenções baseadas na estimulação dessas áreas podem potencializar o aprendizado e fortalecer redes neurais relacionadas ao controle emocional e às funções executivas (Davidson & McEwen,

2012). Essa descoberta reforça a importância de promover práticas que estimulem a empatia, a colaboração e o pensamento crítico desde a infância, como parte da formação educacional e terapêutica.

Do ponto de vista das políticas públicas, integrar o desenvolvimento socioemocional e cognitivo torna-se uma estratégia relevante para promover a equidade educacional. A OECD (2021) e a UNESCO (2022) defendem que competências como resiliência, empatia e autorregulação sejam ensinadas sistematicamente nas escolas, como forma de combater a exclusão social e melhorar o rendimento escolar. Essas políticas devem estar alinhadas à formação docente e ao currículo, promovendo uma abordagem transversal que perpassa todas as áreas do conhecimento.

O campo da saúde mental também é impactado por essa relação entre emoção e cognição. Intervenções terapêuticas que promovem o reconhecimento emocional, o pensamento reflexivo e a regulação comportamental são eficazes na prevenção de transtornos como ansiedade, depressão e dificuldades de atenção (WHO, 2021). A articulação entre profissionais da saúde e da educação permite um acompanhamento mais eficaz das crianças e adolescentes em risco, promovendo ações preventivas e interventivas com base no desenvolvimento neuropsicológico.

As implicações para a formação docente são igualmente significativas. Professores que compreendem a importância das habilidades socioemocionais tendem a desenvolver práticas pedagógicas mais humanizadas, estabelecendo relações mais empáticas e eficazes com os alunos (UNESCO, 2022). A formação continuada em temas como inteligência emocional, neurociência e inclusão social é fundamental para que os educadores se tornem agentes transformadores no ambiente escolar. Assim, o professor atua não apenas como transmissor de conteúdo, mas como facilitador do desenvolvimento humano.

Com base nisso, este artigo busca responder à seguinte questão de pesquisa: Qual a influência das habilidades socioemocionais no desenvolvimento cognitivo, segundo as evidências neuropsicológicas? Para isso, adota-se uma

abordagem de revisão bibliográfica qualitativa, analisando estudos que investigam essa relação e exploram suas implicações para a área da neuropsicologia.

Os objetivos deste estudo são analisar a relação entre habilidades socioemocionais e desenvolvimento cognitivo, identificar as principais habilidades socioemocionais e suas definições, explorar as bases neuropsicológicas da regulação emocional e cognição, revisar estudos sobre o impacto das competências socioemocionais na memória, atenção e funções executivas e apontar intervenções neuropsicológicas que promovem o desenvolvimento dessas habilidades.

O estudo se justifica pela crescente importância das competências socioemocionais para o sucesso acadêmico e profissional. Pesquisas apontam que indivíduos com habilidades socioemocionais desenvolvidas têm maior capacidade de adaptação a desafios e tomada de decisões mais assertiva (Heckman, 2006). Dessa forma, compreender como essas habilidades influenciam o desenvolvimento cognitivo pode auxiliar na formulação de estratégias educacionais e clínicas mais eficazes.

Portanto, esse estudo visa contribuir para o campo da neuropsicologia ao analisar as interações entre cognição e emoção, com base em evidências científicas recentes. Ao explorar essa relação, espera-se fornecer subsídios teóricos para intervenções que promovam o desenvolvimento integral do indivíduo, ampliando as possibilidades de aplicação dos conhecimentos neurocientíficos na educação e na saúde mental.

## **2 METODOLOGIA**

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa e exploratória. Esse tipo de metodologia visa buscar em estudos já realizados a relação entre habilidades socioemocionais e desenvolvimento cognitivo. Buscando compreender como esses conceitos são abordados na literatura

científica e identificar possíveis contribuições nos estudos já existentes sobre a temática. (Gil, 2010)

A revisão bibliográfica fundamenta-se na seleção, análise e síntese de artigos científicos publicados nos últimos dez anos. Para garantir a relevância dos dados, foram utilizadas bases, como *Scielo*, *PubMed*, *Google Acadêmico* e sites institucionais como os da OMS, UNESCO, entre outros. A seleção inicial considerou estudos que abordam aspectos fundamentais da inteligência emocional, da neuropsicologia e do desenvolvimento cognitivo. (Lakatos; Marconi, 2003) Os critérios de inclusão adotados nesta pesquisa abrangeram estudos que discutem a interação entre habilidades socioemocionais e diferentes funções cognitivas, como memória, atenção, tomada de decisão e regulação emocional.

Para a análise dos dados, foi realizado um procedimento sistemático de leitura crítica, no qual os principais achados foram organizados e comparados. O foco esteve na identificação de padrões recorrentes, divergências entre estudos e possíveis lacunas na literatura. A abordagem comparativa permitiu compreender como diferentes perspectivas teóricas e metodológicas influenciam as conclusões sobre a interação entre desenvolvimento cognitivo e habilidades socioemocionais (Zelazo; Lyons, 2012).

Ademais, a análise foi conduzida de forma a destacar as principais contribuições e limitações dos estudos selecionados, buscando oferecer uma visão abrangente sobre o tema. Para tanto, os resultados foram organizados em categorias temáticas, facilitando a compreensão das diferentes abordagens adotadas na literatura. (Diamond, 2013).

Por fim, esta revisão bibliográfica tem o propósito de compreender a relação entre habilidades socioemocionais e desenvolvimento cognitivo, auxiliando futuras investigações na área da neuropsicologia. Ao identificar lacunas e possíveis direções para estudos futuros, espera-se que esta pesquisa contribua para o avanço do conhecimento e para a formulação de novas abordagens teóricas e práticas relacionadas ao tema.

### 3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

A análise dos estudos revisados revela uma relação significativa entre o desenvolvimento das habilidades socioemocionais e os processos cognitivos em diferentes fases da vida. As evidências indicam que competências como empatia, autorregulação emocional, resolução de conflitos e cooperação contribuem para a maturação de funções executivas, memória de trabalho e tomada de decisão (WHO, 2021). Essas habilidades atuam como mediadoras entre experiências sociais e desempenho cognitivo, especialmente no contexto escolar e no desenvolvimento infantojuvenil.

Segundo o Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5 – TR) (APA, 2022), diversas condições neuropsiquiátricas, como Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e Transtornos do Espectro Autista (TEA), demonstram prejuízos tanto nas esferas socioemocionais quanto cognitivas. Isso reforça a interdependência desses domínios, sugerindo que intervenções voltadas para habilidades sociais podem beneficiar o funcionamento cognitivo, especialmente na atenção, controle inibitório e flexibilidade cognitiva.

Além disso, a Classificação Internacional de Doenças – CID-11 (WHO, 2022) também reconhece a importância das dimensões emocionais no diagnóstico e manejo de condições do neurodesenvolvimento. Isso legitima a incorporação de abordagens integradas que contemplem tanto a cognição quanto a competência emocional, destacando a relevância de práticas educativas e terapêuticas interdisciplinares no ambiente escolar e clínico.

Estudos analisados demonstraram que programas de aprendizagem socioemocional (*SEL – Social and Emotional Learning*), como os propostos pela CASEL (2023), promovem ganhos significativos em funções cognitivas como atenção sustentada, resolução de problemas e autorregulação comportamental. Esses efeitos são especialmente evidentes em populações escolares, mostrando-se eficazes na redução de comportamentos agressivos e na melhora do rendimento acadêmico.

A UNESCO (2022) reforça que as habilidades socioemocionais devem ser consideradas parte essencial do currículo escolar, pois contribuem não apenas para o desenvolvimento integral dos estudantes, mas também para a promoção da saúde mental. Em contextos de vulnerabilidade social, o impacto positivo dessas habilidades no desempenho cognitivo é ainda mais acentuado, atuando como fator protetivo contra o estresse tóxico e dificuldades de aprendizagem.

A neuropsicologia contemporânea reconhece que o cérebro social está intimamente conectado às estruturas envolvidas nos processos cognitivos. Estruturas como o córtex pré-frontal, a amígdala e o hipocampo participam tanto de respostas emocionais quanto de tarefas cognitivas complexas, como planejamento e tomada de decisões (Decety & Jackson, 2004; Immordino-Yang, 2016). Assim, intervenções que estimulam empatia e autoconsciência também promovem maior conectividade e plasticidade neural.

Do ponto de vista clínico, observou-se que indivíduos com prejuízos nas habilidades socioemocionais frequentemente apresentam déficits em funções cognitivas superiores, como memória de trabalho e controle atencional. Em contrapartida, o fortalecimento das competências emocionais por meio de treinamentos e terapias comportamentais tem se mostrado eficaz na reabilitação cognitiva em diferentes quadros clínicos, como demências iniciais e transtornos de ansiedade (Miller et al., 2020).

No campo educacional, a implementação de práticas pedagógicas com foco socioemocional tem demonstrado resultados positivos em avaliações neuropsicológicas. Crianças expostas a ambientes emocionalmente seguros e estimulantes apresentam melhor desempenho em tarefas de linguagem, raciocínio lógico e flexibilidade cognitiva (OECD, 2021). Isso reforça a necessidade de formar professores capacitados para atuar de forma integrada nesses dois domínios.

Embora a maioria dos estudos aponte uma correlação positiva entre as habilidades socioemocionais e o desempenho cognitivo, é importante considerar as variáveis culturais e contextuais. Ambientes escolares com maior suporte social e

emocional tendem a favorecer esse desenvolvimento integrado, enquanto contextos adversos podem prejudicar ambos os aspectos simultaneamente (UNICEF, 2023). Isso sugere a importância de políticas públicas que promovam ambientes inclusivos e saudáveis para crianças e adolescentes.

Por fim, a integração entre cognição e emoção deve ser compreendida como parte de um sistema interdependente e dinâmico. Intervenções baseadas em evidências, como programas SEL, terapias cognitivo-comportamentais e abordagens neuropsicológicas, apresentam grande potencial para promover o desenvolvimento global do indivíduo, com impactos duradouros na saúde mental, desempenho acadêmico e qualidade de vida.

#### **4. CONCLUSÃO**

Este estudo reforça a importância das habilidades socioemocionais para o desenvolvimento cognitivo, evidenciando sua influência em processos como memória, atenção e funções executivas. As pesquisas analisadas demonstram que a inteligência emocional desempenha um papel significativo na aprendizagem e no desempenho acadêmico (Goleman, 1995; Immordino-Yang & Damasio, 2007). Futuras pesquisas devem se aprofundar nas intervenções que podem fortalecer essas habilidades, ampliando seus benefícios para diferentes contextos educacionais e clínicos.

Além disso, os achados indicam que crianças e adultos que possuem mais inteligência socioemocional tendem a apresentar melhor autorregulação emocional e comportamental, o que impacta diretamente na forma como lidam com desafios cognitivos e acadêmicos (Duckworth & Seligman, 2005). Estratégias que promovem o desenvolvimento de competências como empatia, resiliência e autocontrole podem contribuir para um ambiente de aprendizagem mais eficiente e acolhedor, favorecendo o desenvolvimento integral dos indivíduos.

A relação entre emoções e cognição também sugere que estados emocionais positivos favorecem a plasticidade cerebral e a retenção de informações (Davidson & McEwen, 2012). Dessa forma, ambientes que estimulam interações sociais saudáveis

e oferecem suporte emocional adequado contribuem significativamente para a consolidação do aprendizado. Portanto, é essencial que práticas pedagógicas e terapêuticas considerem esses fatores ao elaborar estratégias para otimizar o desempenho cognitivo.

No contexto educacional, programas voltados para o ensino de habilidades socioemocionais vêm demonstrando resultados promissores na melhora do desempenho acadêmico e na redução de problemas comportamentais (Durlak et al., 2011). Esses programas, quando bem implementados, favorecem um aprendizado mais significativo, estimulando o pensamento crítico e a resolução de problemas. A integração entre abordagens neuropsicológicas e educacionais pode fortalecer ainda mais esses impactos positivos.

Em ambientes clínicos, o desenvolvimento socioemocional também se mostra um fator relevante para a reabilitação neuropsicológica. Pacientes que recebem suporte emocional adequado e estratégias de regulação emocional apresentam melhores respostas terapêuticas e maior engajamento no tratamento (Greenberg, 2006). Assim, a inclusão de intervenções focadas em habilidades socioemocionais pode potencializar os efeitos das abordagens tradicionais, promovendo uma recuperação mais efetiva e duradoura.

Por fim, este estudo destaca a necessidade de uma abordagem interdisciplinar para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, considerando seus impactos na cognição e na qualidade de vida dos indivíduos. Investir em pesquisas e práticas que fortaleçam essas competências é fundamental para a construção de sociedades mais equilibradas e resilientes. Dessa maneira, espera-se que os avanços nessa área possam contribuir para a formulação de políticas educacionais e terapêuticas mais eficazes, promovendo um desenvolvimento humano mais pleno e sustentável.

## **5. REFERÊNCIAS**

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – APA. *Manual diagnóstico e estatístico de*

*transtornos mentais: DSM-5 -TR*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

CASEL – Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning. *O que é SEL?* Chicago, 2023. Disponível em: <https://casel.org/what-is-sel/>. Acesso em: 03 abr. 2025.

DAVIDSON, R. J.; McEWEN, B. S. Influências sociais na neuroplasticidade: estresse e intervenções para promover o bem-estar. *Nature Neuroscience*, v. 15, n. 5, p. 689–695, 2012.

DECETY, J.; JACKSON, P. L. A arquitetura funcional da empatia humana. *Behavioral and Cognitive Neuroscience Reviews*, v. 3, n. 2, p. 71–100, 2004.

DIAMOND, A. Funções executivas. *Annual Review of Psychology*, v. 64, p. 135–168, 2013.

DUCKWORTH, A. L.; SELIGMAN, M. E. P. Autodisciplina supera o QI na previsão do desempenho acadêmico de adolescentes. *Psychological Science*, v. 16, n. 12, p. 939–944, 2005.

DURLAK, J. A. et al. O impacto do fortalecimento da aprendizagem social e emocional dos alunos: uma meta-análise de intervenções universais baseadas na escola. *Child Development*, v. 82, n. 1, p. 405–432, 2011.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLEMAN, D. *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GREENBERG, M. T. Promoção da resiliência em crianças e jovens: intervenções preventivas e sua interface com a neurociência. *Annals of the New York Academy of Sciences*, v. 1094, n. 1, p. 139–150, 2006.

HECKMAN, J. J. Formação de habilidades e a economia do investimento em crianças desfavorecidas. *Science*, v. 312, n. 5782, p. 1900–1902, 2006.

IMMORDINO-YANG, M. H. *Emoções, aprendizagem e o cérebro: explorando as implicações educacionais da neurociência afetiva*. Nova York: W. W. Norton & Company, 2016.

IMMORDINO-YANG, M. H.; DAMASIO, A. Sentimos, logo aprendemos: a relevância da neurociência afetiva e social para a educação. *Mind, Brain, and Education*, v. 1, n. 1, p. 3–10, 2007.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEDOUX, J. E. Circuitos emocionais no cérebro. *Annual Review of Neuroscience*, v. 23, n. 1, p. 155–184, 2000.

MILLER, G. A. et al. A relação entre competência emocional e controle cognitivo em populações clínicas. *Journal of Clinical Psychology*, v. 76, n. 5, p. 857–872, 2020.

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. *Além da aprendizagem acadêmica: primeiros resultados da pesquisa sobre habilidades sociais e emocionais*. Paris: OECD Publishing, 2021. Disponível em: <https://www.oecd.org/education/beyond-academic-learning-92a11084-en.htm>. Acesso em: 02 abr. 2025.

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. *O poder das habilidades socioemocionais*. Paris: OECD Publishing, 2021.

OMS – Organização Mundial da Saúde. *Diretrizes sobre intervenções para promoção e prevenção da saúde mental em adolescentes: ajudando adolescentes a prosperar*. Genebra: WHO, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240025553>. Acesso em: 02 abr. 2025.

PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PIAGET, J. *A psicologia da criança*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1971.

SALOVEY, P.; MAYER, J. D. Inteligência emocional. *Imagination, Cognition and Personality*, v. 9, n. 3, p. 185–211, 1990.

SHONKOFF, J. P. et al. Os efeitos ao longo da vida da adversidade na infância e do estresse tóxico. *Pediatrics*, v. 129, n. 1, p. e232–e246, 2012.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. *Educação para o desenvolvimento sustentável e aprendizagem socioemocional*. Paris: UNESCO, 2022.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. *Aprender a viver juntos: políticas educacionais e realidades na Ásia-Pacífico*. Paris: UNESCO, 2022. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/>. Acesso em: 02 abr. 2025.

UNICEF. *Aprendizagem e bem-estar no mundo pós-pandemia*. Nova York: UNICEF, 2023.